

METAMORFOSES DO AUTORITARISMO: O FASCISMO, O POPULISMO E A PERSONALIDADE AUTORITÁRIA

METAMORPHOSES OF AUTHORITARIANISM: FASCISM, POPULISM AND THE AUTHORITARIAN PERSONALITY

METAMORFOSIS DEL AUTORITARISMO: FASCISMO, POPULISMO Y LA PERSONALIDAD AUTORITARIA

WELLINGTON FONTES MENEZES

Doutor em Ciências Jurídicas e Sociais - Universidade Federal Fluminense (UFF) – Niterói - Rio de Janeiro/Brasil
wfmenezes@uol.com.br

RESUMO:

Nos estudos de Ciências Políticas, não há uma definição clara entre o conceito de fascismo e de populismo. O campo de atuação entre suas lideranças se assemelha em muitos aspectos, sobretudo no que tange às formas de se estruturar e operar dentro dos trâmites das democracias liberais. As práticas autoritárias de ascensão e manutenção do poder, por parte de lideranças e agrupamentos políticos radicais, se transformaram ao longo dos tempos e se moldaram de acordo com as circunstâncias históricas. Com o objetivo de conquista do poder, o autoritarismo metamorfoseado destes grupos radicais, nascidos em ambiente democrático, se alimentou, cresceu e se ampliou no liame social e foi forjado, explicitamente ou não, como oponente visceral da democracia liberal. O presente trabalho aborda as ligações estruturais entre o fascismo e o populismo e a relação intrínseca de ambos com a personalidade autoritária estudada por Theodor Adorno.

Palavras-chaves: Autoritarismo, democracia, extrema direita; fascismo; populismo.

RESUMEN:

En los estudios de Ciencias Políticas, no existe una definición clara entre el concepto de fascismo y populismo. El campo de acción de sus dirigentes es similar en muchos aspectos, especialmente en las formas de estructuración y funcionamiento dentro de los procedimientos de las democracias liberales. Las prácticas autoritarias de ascenso y mantenimiento del poder, por parte de líderes y grupos políticos radicales, han cambiado con el tiempo y se han ido configurando de acuerdo con las circunstancias históricas. Con el objetivo de conquistar el poder, el autoritarismo metamorfoseado de estos grupos radicales, nacidos en un entorno democrático, se alimentó, creció y expandió en el vínculo social y se forjó, explícitamente o no, como un opositor visceral de la democracia liberal. El presente trabajo aborda los vínculos estructurales entre fascismo y populismo y la relación intrínseca de ambos con la personalidad autoritaria estudiada por Theodor Adorno.

Palabras clave: Autoritarismo, democracia, extrema derecha; fascismo; populismo.

ABSTRACT

In Political Science studies, there is no clear definition between the concept of fascism and populism. The field of action among its leaders is similar in many aspects, especially with regard to the ways of structuring and operating within the procedures of liberal democracies. The authoritarian practices of ascension and maintenance of power, on the part of radical political



leaders and groups, have changed over time and have been shaped according to historical circumstances. With the aim of conquering power, the metamorphosed authoritarianism of these radical groups, born in a democratic environment, was fed, grew and expanded in the social bond and was forged, explicitly or not, as a visceral opponent of liberal democracy. The present work approaches the structural links between fascism and populism and the intrinsic relationship of both with the authoritarian personality studied by Theodor Adorno.

Keywords: Authoritarianism, democracy, extreme right; fascism; populism.

SUMÁRIO: I. INTRODUÇÃO; II. PERSONALIDADE AUTORITÁRIA: UM RETORNO À ADORNO; III. POPULISMO: UMA METAMORFOSE DO FASCISMO; IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS: NEGACIONISMO, A ARMA FASCISTA NAS MÃOS DOS POPULISTAS; REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS.

I. INTRODUÇÃO

No “Dicionário de Política” organizado por Bobbio; Matteucci; Pasquino (2002), o verbete que conduz à explanação do “autoritarismo” é longo e complexo. Uma explicação definida sobre o termo, de forma sintética, é a que o apresentaria como oposto à democracia. Logo, autoritarismo e democracia seriam conceitos políticos antagônicos, porém as ilações sociais da política os coloca como elementos presentes em um mesmo sistema.

O fascismo clássico, caracterizado por um regime autoritário e ultraviolento, surgiu diante da complexidade de fenômenos socioeconômicos oriundos da Primeira Guerra Mundial e se aproveitou das liberdades oferecidas pela democracia liberal. Benito Mussolini (1883-1945) e Adolf Hitler (1889-1945) foram lideranças autoritárias que nasceram historicamente nos escombros da Primeira Guerra Mundial e se desenvolveram politicamente no cerne da democracia de seus respectivos países. Posteriormente à eles, soergueu-se o populismo, uma variante do fascismo que cresceu após a Segunda Guerra Mundial, realçando o autoritarismo de várias matizes, mas com características operacionais distintas do fascismo clássico.

No século XXI, o populismo reapareceu com força, e de forma mais explícita em diversas partes do mundo, sendo protagonizado por diversos agitadores políticos, tal como o mais notório deles, o histriônico ex-presidente dos Estados Unidos, Donald Trump. Além dele, destacam-se alguns outros presidentes na atualidade, tais como: Jair Bolsonaro, no Brasil; Viktor Mihály Orbán, na Hungria; Recep Tayyip Erdogan, na Turquia; Rodrigo Duterte, nas Filipinas e o primeiro-ministro da Índia, Narendra Modi. Em comum no perfil destas lideranças da extrema direita, destaca-se o modo de operação,



a visão da política e o despreço pela democracia que se remete aos estrategemas fascistas. Eles se utilizam um discurso retórico agressivo, antidemocrático, negacionista e xenófobo, mas, paradoxalmente, se sustentam politicamente dentro dos ritos que possibilita a democracia liberal de seus respectivos países.

Buscar compreender o autoritarismo e suas metamorfoses políticas é importante, inicialmente, com o estado da personalidade autoritária e como opera dentro do liame social. Para este trabalho, iniciaremos a retomada dos estudos feitos por Theodor Adorno, entre os anos 1940 e 1950 sobre as condições psicológicas do autoritarismo. Posteriormente, a variante do fascismo, o populismo, será abordado para possibilitar uma maior compreensão do comportamento autoritário e sua complexa atuação para usufruto e fragmentação da ordem democrática.

II. PERSONALIDADE AUTORITÁRIA: UM RETORNO À ADORNO

Para a compreensão do fenômeno autoritário na Política do século XX, a pesquisa se orientou à luz de um retorno à leitura, como ponto de partida, da seminal obra “A personalidade autoritária”, coordenada por Theodor W. Adorno. Publicada originalmente em 1950, nos Estados Unidos, essa obra significou um marco nos estudos para a compreensão do pensamento autoritário na sociedade estadunidense, regida por garantias liberais de liberdade democrática nos anos 1940.

A produção do trabalho de Adorno e equipe se iniciou em um momento de grande tensão que prenunciava a cataclísmica Segunda Guerra Mundial, iniciada em solo europeu. À medida que evoluía o desgaste do genocida regime de exceção do Estado Nazista, ampliavam-se as perseguições étnicas e políticas àqueles que discordavam da ditadura imposta na Alemanha. Diante deste quadro de perseguição implementado pelo governo de Adolf Hitler, muitos membros da primeira geração da Teoria Crítica alemã, buscaram refúgio nos Estados Unidos.

Após a estada como visitante, Adorno se instala definitivamente em solo estadunidense em 1938, levando consigo a tradição do Instituto de Pesquisa Social, ligado à Universidade de Frankfurt. A partir deste novo horizonte, foi possível aos autores da Teoria Crítica desenvolver seus trabalhos de forma segura e independente, tanto que Adorno publicou uma série de textos da mesma matriz investigativa de “A personalidade autoritária” (1951), cujos títulos foram “Propaganda fascista e antissemitismo” (1946), “A teoria freudiana e o modelo fascista de propaganda” (1951) e “A técnica psicológica



das palestras radiofônicas de Martin Luther Thomas” (1943).

Além dos escritos de Adorno, colaboraram com ele outros pesquisadores, como Daniel Levinson, Nevitt Sanford e Else Frenkel-Brunswik. O estudo da “personalidade autoritária” perpassou uma investigação a respeito de elementos ideológicos do autoritarismo dentro do ambiente democrático dos Estados Unidos, ou seja, o caráter social que as ideias autoritárias produziam no imaginário social.

Em “A personalidade autoritária”, os autores tiveram a preocupação de buscar alguns tipos psicológicos mensuráveis, de elementos autoritários ou antidemocráticos, na sociedade estadunidense do pós-guerra. Isso, baseado no entendimento de que as escalas tipológicas e o embasamento estatístico poderiam dar subsídios para a compreensão do fenômeno do autoritarismo presente no liame social. Por sinal, uma tarefa hercúlea foi a busca de mensuração de elementos psicológicos tão subjetivos como o preconceito e o autoritarismo, impregnados em percepções sociais cotidianas. Desta forma, o próprio Adorno (1950/2019, p. 517) reconheceu: “[...] muitas vezes é difícil classificar um determinado indivíduo definitivamente em um tipo ou outro”.

Há um componente extremamente complexo, quando se trata dos limites da análise sociológica: a passagem de elementos individuais do sujeito para o coletivo e, naturalmente, o seu contrário. É importante salientar o caráter coletivo que uma sociedade de massa exerce na influência sobre o sujeito em caráter individual, ou seja, a padronização de uma dada cultura impregnada de uma ideologia dominante. Esta dicotomia entre sujeito e sociedade é intrínseca ao processo de socialização de uma comunidade.

A força da massa poderá ser refletida na capacidade laborativa da percepção do psiquismo do sujeito e jamais poderá ser desprezada. Assim assinalou um contemporâneo de Adorno, o estadunidense Eric Hoffer no seu mais destacado livro, “Fanatismo e movimento de massa”¹, publicado originalmente em 1951: “A ardente convicção de que teremos um sagrado dever para com os outros é uma maneira de fazer com que o nosso ego naufragante se agarre a uma tábua de salvação” (HOFFER, 1951/1968, p. 17).

Neste sentido, a massa se constitui como meio de sustentação narcísica do sujeito dentro de um espectro, cujo horizonte de vida se torna turvo, ou sintomaticamente “inexistente”. A esperança no coletivo é angariada por todos aqueles que não mais

¹ No título original do clássico de Hoffer: “The True Believer: Thoughts on the nature of mass movements”.



encontrariam espaço em suas vidas individuais, conforme ressalta Hoffer (1951/1968, p. 18): “Uma das poderosas atrações de um movimento de massa é que oferece um substituto para a esperança individual”.

A dificuldade em classificar ou catalogar elementos do comportamento individual imerso no liame social, é reconhecido por Adorno em outro trecho de seus escritos sobre a personalidade autoritária. Ele pondera sobre a cautela da análise a respeito das: “[...] investigações dedicadas ao estudo do preconceito devem ser particularmente cautelosas quando surge a questão da tipologia” (ADORNO, 1950/2019, p. 519). Prosseguindo no percurso da análise, Adorno (1950/2019, p. 519) ressalta que, no estudo da personalidade autoritária: “[...] a rigidez ao se construir tipos é por si só indicativa dessa mentalidade ‘estereopática’ que pertence aos constituintes básicos do caráter potencialmente fascista”.

Adorno (1950/2019, p. 518/519) lembra que foi na Alemanha embriagada pelo fanatismo nacional-socialista do Terceiro Reich “[...] onde a rotulação de seres humanos vivos, independentemente de suas qualidades específicas, resultou em decisões sobre a vida e a morte”. O alerta de Adorno merece atenção e ressalta: “Nem todas as tipologias são dispositivos para dividir o mundo entre cordeiros e lobos, mas algumas delas refletem certas experiências que, embora difíceis de sistematizar, para colocar da forma mais aberta possível, acertam em algo” (ADORNO, 1950/2019, p. 519).

Um importante apontamento de Adorno (1950/2019) é o que trata da influência psicológica do indivíduo que se daria, não por uma abordagem estática biológica, mas pela dinâmica social. Neste sentido, a sociedade dividida por classes influencia muito mais do que as relações externas dos homens. A questão da classe constitui elementos materiais para a construção psicológica dos sujeitos. A classe diz mais ao psiquismo do sujeito do que meros elementos externos díspares ou ocasionais. Aqui se adentra ao universo ideológico que cria elementos de manipulação social ou expectativa do sujeito sobre o mundo no qual ele se insere.

A “falsa consciência” permitiria ao sujeito retroalimentar informações ou atitudes que normalmente não partiriam por iniciativa dele por si só, mas motivado por elementos do grupo, ele o faria. Sendo assim, Adorno analisa que: “O individualismo oposto à desumana compartimentalização pode, em última instância, tornar-se um mero véu ideológico numa sociedade que é realmente desumana e cuja tendência é intrínseca à ‘subsunção’ de tudo se revela pela classificação das próprias pessoas” (ADORNO, 1950/2019, p. 522).



Uma crítica de Adorno (1950/2019) era a que um grande percentual de pessoas nunca foi propriamente “indivíduos”, no sentido filosófico do século XIX, ou seja, sujeitos imbuídos de pensamento sobre si e o mundo. Adorno critica o “pensamento de ticket”, ou seja, pessoas que teriam pouca liberdade de ação e de uma verdadeira individuação.

No campo dos estudos a respeito do pensamento autoritário, em um período compreendido entre maio de 1934 a julho de 1935, Adorno (1943/2009) analisou os discursos radiofônicos do pastor Martin Luther Thomas. Apesar de ser uma figura pouco lembrada na historiografia estadunidense, Thomas foi fundador da “Christian American Crusade” (em tradução livre, “Cruzada Cristã Norte-Americana”), um dos inúmeros grupos de extrema direita que existiam na costa oeste dos Estados Unidos (FARINA, 2017).

Em seus trabalhos a respeito da “personalidade autoritária” e suas técnicas manipulatórias do imaginário social, Adorno se deteve a analisar as pulsões do antisemitismo imerso nas camadas mais baixas da sociedade estadunidense e o oportunismo de alguns oradores inescrupulosos que se aproveitavam de um meio poroso ideologicamente, para incrementar o poder de persuasão das transmissões radiofônicas. Todavia, nos anos 1920 e início dos anos 1930, esta técnica não chegava a ser inovadora propriamente dita, pois do outro lado do Atlântico, Adolf Hitler já havia se consagrado no emprego desta modalidade. Hitler conduzia toda a sua virulenta oratória em transmissões radiofônicas, tendo em vista a escalada do NSDAP², ou simplesmente, o Partido Nazista, ao poder durante a fragmentada e cambaleante República de Weimar.

Observando Thomas como um modelo de “agitador fascista”, Adorno (1943/2009) conseguiu mapear suas estratégias de ataque e dispersão de sua ideologia autoritária, porém ficou longe de qualquer ineditismo ou inovação. Conforme descreveu Carone (2002, p. 208): “[...] o conjunto das técnicas de Thomas era muito mais próximo do conjunto de técnicas usadas pelos nazistas para provocar psicológica e socialmente o comportamento regredido das massas”. Estas técnicas visavam fornecer elementos norteadores na construção da personalidade mítica do líder, não somente para dar um caráter de proximidade entre as massas, mas, sobretudo, para invocar o “pai da horda

² No original, “Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei”, ou “Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães”, ou simplesmente, o Partido Nazista. Todavia, os membros do NSDAP se referiam a si mesmos como nacional-socialistas. O termo “nazista” foi elaborado de forma pejorativa por seus adversários políticos.



primitiva”.

A partir de uma abordagem psicanalítica, Sigmund Freud analisou a questão do “pai da horda primeva” em “Totem e Tabu” (FREUD, 1912-13/1996) e, posteriormente, em “Psicologia das massas e análise do eu” (FREUD, 1921/2013). Thomas se espelhava em um Hitler, o qual se colocava como um “lobo solitário”, ou seja, o líder messiânico das massas e com uma singular condição autodeterminada de liderar seu povo a um novo futuro.

Na prática, toda a condução performática de Hitler foi meticulosamente orquestrada pelo futuro Ministro da Propaganda do Terceiro Reich, Joseph Goebbels. Entretanto, seu sucesso internacional ocorreu quando, após a subida ao poder em 1933, Hitler decidiu oficialmente perseguir comunistas, socialistas e a pulverizar o poder dos sindicatos de trabalhadores. Fato este que angariou, inicialmente, simpatia e admiração em muitas partes do mundo ocidental, inclusive de líderes de potências, como o futuro Primeiro Ministro do Reino Unido, Winston Churchill.

Os anos 1930 foram marcados, entre outros aspectos, pelo “perigo vermelho” representado pela União Soviética dominada por Joseph Stálin. Logo, o discurso de combate aos comunistas era a senha para unir todos os matizes do lado capitalista, inclusive se associar, ideologicamente, aos fascistas e nazistas. Nesta retórica, Thomas e demais agitadores fascistas, tinham especial apreço por atacar comunistas e socialistas, demonizando-os e colocando-os como um perigo constante para a sociedade estadunidense.

As técnicas de Hitler foram mimetizadas por vários agitadores fascistas pelo mundo. Ressalta-se o próprio Thomas nos Estados Unidos, além de Oswald Mosley na Inglaterra que fundou a União Britânica de Fascistas (UBF) e, no caso brasileiro, destaca-se Plínio Salgado e sua Ação Integralista Brasileira (AIB)³. Deve-se destacar que o grande pioneiro da oratória fascista no século XX e desempenhou com grande sucesso seu empreendimento, foi Benito Mussolini, impondo a ditadura fascista entre 1922 à 1943, na Itália. É notório que Mussolini representou uma grande inspiração de liderança fascista para Hitler⁴.

³ Deve-se considerar que o fascista italiano, Benito Mussolini, exerceu enorme influência ideológica nas concepções ideológicas e nacionalistas de Plínio Salgado na construção do seu partido-movimento, a Ação Integralista Brasileira.

⁴ Por sua vez, o *Duce*, nunca escondeu certo desprezo pela figura do *Führer*, apesar do cinismo da “grande amizade ítalo-germânica”. As vaidades das duas lideranças nefastas nutriram também uma competição,



No cenário dos estratagemas do arcabouço fascista, Thomas se esmerou em Hitler para se projetar como o grande líder que, ao mesmo tempo era acessível ao cidadão comum, mas também, era inatingível, tal como se fosse uma entidade semidivina. Importante destacar que Thomas não atuou diretamente no campo político, mas majoritariamente, na esfera da cultura e da religião. Sua importância se destaca no modelo político que reproduziu a dominação praticada por Mussolini e Hitler. Os trabalhos analíticos de Adorno mostraram a tendência da falsa consciência na arregimentação da manipulação ostensiva da propaganda fascista:

A idéia de criar um vínculo emocional entre os ouvintes e o orador, a personalização do poder e da lógica da dominação, a aquisição de autoridade perante o público, a retórica violenta, a representação do papel de vítima por um poder facilmente identificável, a divisão da sociedade em bons e maus. (FARINA, 2017, p. 79)

Segundo Adorno, tais características fariam parte da estilização da propaganda fascista e conduziram ao antissemitismo. Portanto, o elemento judeu na sociedade alemã, enquanto se resumia a uma minoria, representou um potencial bode expiatório para invocar o ódio político, como estratagemas de um controle da subjetividade das massas.

Retornando à obra “A personalidade autoritária”, tratou-se de estudos e análise, tanto quantitativos quanto qualitativos, e interpretação de dados. Cerca de dois mil e cem questionários aplicados foram realizados, cuja análise sobre a questão social e a educação foi dada como prioridade. A dimensão sociológica empregada foi a correlação entre posição social e grau de instrução educacional, com relação à propensão dos entrevistados para as dinâmicas autoritárias e, sintomaticamente, a correlação entre o conceito de autoridade e antissemitismo.

Uma preocupação relevante de Adorno e do grupo de pesquisa, não foi de analisar nichos específicos de fascistas, mas a análise de pessoas comuns, o típico “cidadão”, imerso em um ambiente democrático e permeando a visão ou adesão às idéias fascistas. Neste quesito, entra o elemento psicanalítico de análise de matriz freudiana, implementada pelos frankfurtianos. O desafio analítico de Adorno foi desvendar a construção de elementos autoritários no imaginário social oculto por detrás da fachada explícita e pública dos cidadãos. Logo, ele desejava pesquisar a relação entre o consciente e o inconsciente para compreender as possíveis pulsões fascistas e autoritárias:

tanto das práticas fascistas operacionais, quanto dos estratagemas empregados em técnicas de manipulação de massa.



“Estávamos interessados no potencial fascista [...] para poder determiná-lo e constatá-lo, tínhamos introduzido na investigação [...] o processo de formação do carácter autoritariamente condicionado” (ADORNO apud FARINA, 2017, p. 80-81).

Na concepção clássica dos paradigmas reacionários da sociedade, a personalidade autoritária fascista precisa de um “inimigo facilmente identificável” para empregar um ódio articuladamente canalizado. Neste aspecto, as chamadas “minorias”, ou seja, grupos populacionais minoritários quantitativamente na composição social se tornariam alvos preferenciais da ideologia fascista. Deste modo, o pensamento autoritário fascista cria a ilusão fantasiosa da sociedade como uma massa compacta e indivisível ordem natural e, qualquer desvio que faça destoar desta orquestração, tal como um “preciso relógio suíço”, será observada como uma patologia e, assim, buscar elementos para se criar o “inimigo externo” degenerado. Nesta esteira de “inimigos”, entrariam os tipos socialmente marginalizados: judeus, ciganos, imigrantes, os “desviados” (ou *outsiders*) entre outros que a imaginação fascista possa conceber e vociferar em uma “cruzada moralista”.

Conforme ressalta Adorno em seu texto, publicado inicialmente em 1951, “Teoria freudiana e o padrão de propaganda fascista”: “A *comunidade* do povo fascista corresponde exatamente à definição de Freud de um grupo como sendo ‘um número de indivíduos que colocaram um e o mesmo objeto no lugar do seu ideal do eu e, conseqüentemente, se identificaram reciprocamente em seu eu” (ADORNO, 1951/2015, p. 169-170, grifo do autor).

Há uma diferença entre o pensamento autoritário fascista e aqueles que se submetem a esse torniquete mental. A adesão involuntária às posições fascistas também se opera pelo medo do sujeito de se opor àquilo que ele acredita não ser capaz de enfrentar: a “irresistível” escalada do autoritarismo.

A este respeito, em 1945, o filósofo alemão, Karl Jaspers, escreveu sobre o que restou da sociedade da Alemanha, imediatamente, após os escombros da queda do Terceira Reich. O livro foi publicado no ano seguinte, e levou um sugestivo título, “Die Schuldfrage”, na tradução em português, “A questão da culpa”. Jaspers se dirigiu ao próprio povo alemão e afirmou que:

Falta-nos em grande medida falarmos uns com os outros e ouvirmos uns aos outros. Isso ainda é agravado pelo fato de tantas pessoas não quererem pensar realmente. Elas buscam apenas palavras de ordem e obediência. Elas não perguntam e elas não respondem, a não ser pela repetição de fórmulas batidas. Elas só sabem afirmar e obedecer, e não examinar e reconhecer, e por isso também não podem ser convencidas.



Como falar com pessoas que não querem ir aonde se examina e se raciocina, onde as pessoas buscam a sua autonomia por meio do reconhecimento e da convicção? (JASPERS, 1946/2018, p. 16)

Uma sociedade fascistizada se alicerça com o medo sendo ancorado como elemento norteador de coação, castração, alienação, submissão e perversão. Quando esses elementos se transformam em uma ameaçadora amálgama psicossocial, a perversão se torna “autorizada” e a indiferença estabelecida entre os sujeitos se torna uma fraticida padronização do comportamento social. A quebra dos elos coletivos, ou seja, a sociedade fraturada ao extremo, é substituída por anéis isolados de autopreservação, ou seja, o instinto de sobrevivência primária se torna o garantidor de um padrão “normalizante” de conduta social. Neste sentido, observado por Adorno (1950/2019), tais mecanismos despontam em uma sociedade pretensamente democrática como a estadunidense dos anos 1940, período das pesquisas que resultaram na obra “A personalidade autoritária”.

Na promessa evocada do “inimigo externo”, os agitadores fascistas se utilizam desse estratagema para, conseqüentemente, elaborar o ódio que opera o obscurecimento da consciência. Neste estratagema, esclarece Carone (2002, p. 202): “O aspecto psicológico imanente a essa construção ideológica, o qual converte o agressor em vítima ameaçada e a vítima em agressor, consiste em estimular e justificar a violência contra os *out-groups*, neles projetando o que deles se imagina”. Nesta projeção, tal como Adorno (1975/2009) observou no líder fascista, Martin Luther Thomas, a inversão de agressores em vítimas é cinicamente elaborada para a racionalização da violência como mecanismo de defesa.

Operando sob a tutela deste mecanismo de defesa, a vigilância constante é outro estratagema manipulado pelo líder fascista que utilizava a “infatigabilidade” como um santuário do autoritarismo na falaciosa “guerra da maioria” contra o pontual “inimigo”. O “denuncionismo”, ou seja, a delação de todo elemento “suspeito” para as forças de segurança nazistas foi uma constante no Terceiro Reich, abarrotando os campos de concentração espalhados pela Alemanha, para punir os “inimigos do povo”:

Sob o fascismo, psicologicamente, a ninguém é permitido dormir – uma das torturas preferidas, aplicadas pelos governos autoritários às suas vítimas, é do seu sono ser a toda hora interrompido até que os seus nervos entrem em colapso. O ódio fascista ao sono – no sentido mais amplo de deixar alguém a sós – é refletido na ênfase do líder fascista sobre a sua própria infatigabilidade, por meio da qual estabelece um exemplo para os seus seguidores. A infatigabilidade é uma expressão psicológica do totalitarismo. Nenhum descanso é dado, a menos que



tudo esteja confiscado, agarrado, organizado. (ADORNO, 1975 apud CARONE, 2002, p. 202)

A obediência cega ao líder mostrou o nível de adesão das massas à irracionalidade expressa na mensagem profunda pelo “mensageiro”, ou seja, a retórica do pequeno grande homem, remetendo-se à figura pueril do “tocador de tambor”. Sob esta vulgata fascista, Hitler se autodenominou o “tocador de tambor” da causa alemã.

Em seu diário de 16 de julho de 1926, Goebbels sintetizou sua impressão particular sobre a então ascendente figura de Hitler como um exímio orador e enxergou nele todo o potencial para a construção de um novo regime político: “Como orador [Hitler] construiu uma maravilhosa harmonia de gestos, expressões faciais e palavras. É motivador por natureza. Com ele podemos conquistar o mundo. Dá-lhe o mando e reduzirá a República [de Weimar] corrupta ao alicerce” (GOEBBELS, 1926 apud EL EXPERIMENTO GOEBBELS, 2005).

A observação de Adorno, à luz da Psicanálise, decifrou os elementos inconscientes do material impregnado na oratória do agitador fascista que se coloca como um pai zeloso e protetor perante o seu rebanho:

O agitador que deseja que os seus seguidores com ele se identifiquem se apresenta não apenas como superior, como o homem forte, mas simultaneamente como o oposto disto. Ele é tão fraco quanto eles; ele é alguém que precisa de redenção mais do que aqueles que redime; em suma, é um filho sujeito à autoridade paternal, dele dependente e a serviço de algo muito superior a ele próprio. Essa entidade maior, no entanto, [...] é a coletividade de todos os “filhos” reunidos em torno da organização fascista – uma coletividade cujo poder supostamente dá uma compensação psicológica para a fraqueza de cada um em particular. (ADORNO, 1975 apud CARONE, 2002, p. 202-203)

Esta técnica do “grande pai amoroso”, logo foi substituída pela sua contraparte, o pai castrador da autoridade ameaçadora. Ressalta-se que a questão do “amor” é, meramente, uma nomenclatura sem sentido dentro de retóricas que convocam a perversão como matriz central da manipulação fascista. Deste modo, tal como observou Adorno (1951/2015, p. 163): “Um dos princípios básicos da liderança fascista é manter a energia libidinal primária em um nível inconsciente, de modo a desviar suas manifestações de uma forma adequada a fins políticos”.

As técnicas do agitador fascista são amplas e buscaram operacionalizar o inconsciente das massas, ou seja, uma evocação ao irrealismo, ao negacionismo e à demagogia levada ao limite da exaustão, buscando dar uma imagética de regressão do



indivíduo na massa:

O padrão libidinal do fascismo e toda técnica dos demagogos fascistas são autoritários. É aqui que as técnicas do demagogo e do hipnotizador coincidem com o mecanismo psicológico através do qual os indivíduos são levados a se submeter às regressões que os reduzem a meros membros de um grupo. (ADORNO, 1951/2015, p. 163)

O fetiche da organização das manifestações fascistas para as massas transforma a organização em um fim em si mesmo. Portanto, como apontou Adorno (1951/2015), uma das tarefas do agitador fascista, a organização realizada pela atividade fascista, é tão racionalizada quanto a um exército ou uma igreja.

O hipnotismo praticado pelo agitador fascista desperta o indivíduo imerso na massa a adentrar em contato com uma herança arcaica dele, uma condição primitiva que possa aceitar sem questionamentos. A “fé cega” às ordens superiores do Super Eu, o “grande pai”, remete ao sujeito hipnotizado pelo “pai da horda primitiva”. No sentido freudiano, “[...] o objeto se colocou no lugar do ideal do eu” (FREUD, 1921/2013, p. 107). Neste caso, o agitador fascista, na condição de hipnotizador da multidão, toma o lugar do ideal do eu. Sendo assim, o hipnotizador, ancorado com suas técnicas de manipulação fascista, se torna “[...] o único objeto; não se considera nenhum outro além dele” (FREUD, 1921/2015, p. 109).

A natureza da propaganda fascista e o papel do agitador fascista foram bem definidos por Adorno e alinhava a ideia do líder com o pai onipresente primitivo:

Ela é psicológica por causa dos seus objetivos irracionais e autoritários, os quais não podem ser alcançados por meio de convicções racionais, mas somente através do despertar habilidoso de “uma parte da herança arcaica do sujeito”. A agitação fascista está centrada na ideia do líder, não importando se ele realmente lidera ou é apenas mandatário de interesses de grupos, porque somente a imagem psicológica do líder, é apta a reanimar a ideia do pai primitivo onipotente e ameaçador. (ADORNO, 1951/2015, p. 165)

A concepção do pai primitivo se funde com o poder autoritário, pregando onipotência de ação e obediência cega da massa, conforme destacou Carone (2002, p. 204):

Adorno observou que a personalização do líder no fascismo significa que ele personifica o regime totalitário como um *Duce*, um *Führer*, etc., que concentra todo o poder e autoridade em si mesmo e diante do qual nenhuma objeção e desobediência são possíveis, a não ser como crimes contra o Estado. Por outro lado, no entanto a finalidade do próprio regime permanece vaga e obscura para aqueles que lhe prestam obediência, restando apenas a alternativa de sacrificar-se por ela e



buscar os meios para atendê-la.

As técnicas que consistiam na manipulação da propaganda fascista observadas por Adorno, diante da figura fascista de Martin Luther Thomas, desempenhavam uma circularidade no discurso, ou seja, o “movimento de renovação”, jogos de palavras que nada diziam de concreto, sempre invocando o apelo a Deus, com o intuito de sensibilizar a audiência. Assim destacou Carone (2002, p. 205) a respeito do comportamento oportunista de Thomas, uma vez que “[...] se baseava em um cínico desprezo pela capacidade de pensar de sua audiência – um desprezo abertamente expresso por Hitler”.

Além destes estratagemas já comentados, eram comuns, nesses discursos e elocuições observados por Adorno (1975/2009), as representações do líder como “pequeno grande homem”, “mártir pela causa do povo estadunidense”, “inocente perseguido”, “homem carismático”. Os alvos discriminatórios maniqueístas entre “eles e nós”, por sua vez, eram representados como “inimigos do povo estadunidense”, “parasitas da economia”, “homens sem pátria e sem patriotismo”, “conspiradores”.

Um truque de propaganda que Thomas utilizava era o apela à “adesão de última hora” (no original, “bandwagon”), que buscava ludibriar a audiência afirmando receber cada vez mais apoio à sua militância, uma “avalanche” de cartas e apoiadores que chegariam a cada momento! Tal estratégia tinha como objetivo mostrar que: “[...] uma causa já decidida (“fait accompli”) tornava qualquer indecisão ou resistência um empreendimento perigoso” (CARONE, 2002, p. 205). Essa técnica ainda segue empregada não mais por fascistas (ou não somente por eles!), mas por agências publicitárias e comércio para ampliarem a venda de suas mercadorias, independente do veículo de comunicação.

A concepção de uma “sociedade homogênea” amparada pelo narcisismo fascista do “ideal do eu” embala uma ideologia que busca oprimir os mais frágeis socialmente e, a partir desta opressão desmedida, elaborar um gozo da onipotência da força dos mais fortes sobre os mais fracos.

A pretensa ingenuidade do pensamento autoritário fascista desta “sociedade homogênea” é apenas aparente. A construção da perversão como objeto analítico de uma fantasista “sociedade purificada” remonta ao final do século XIX e percorreu toda a primeira metade do século XX, até o término da Segunda Guerra Mundial. Todavia, apesar de nunca ter desaparecido em definitivo após a guerra, a sobrevivência do pensamento autoritário fascista encontra eco em sociedades tensionadas por crises



econômicas e burguesias dispostas a apostar em estratégias da extrema direita para apaziguar o campo político com o amordaçamento da democracia. Os agitadores fascistas e sua matriz fascista são soerguidos das trevas em momentos de crise aguda do capitalismo, tal como se observa nas primeiras décadas do século XXI.

III. POPULISMO: UMA METAMORFOSE DO FASCISMO

Conforme alerta Finchelstein (2019), para compreender a amálgama do atual extremismo de direita e do fascismo clássico é necessária a percepção de sua natureza entre o passado e o presente. Com os ares democráticos das atuais democracias europeias e americanas, o legado ditatorial do fascismo se sustenta na identificação projetiva culminando no neofascismo e no populismo de extrema direita.

É importante observar que nas abaladas democracias, seja por fatores políticos ou econômicos, em geral uma junção cataclísmica de ambos, esses se tornaram verdadeira munição para a evocação de grupos fascistas e simpatizantes para “derrubar o *establishment*”. Assim como no início dos anos 1920 na Itália, tal como a cambaleante república weimariana ou a ascensão do Donald Trump nos Estados Unidos, até mesmo os protestos de 2013 que resultaram no *impeachment* da presidente Dilma Rousseff e a eleição de Bolsonaro em 2018, no Brasil, os fatos de desestabilização institucional favoreceram pontos nevrálgicos para a tentação golpista se apresentar com solução panaceica.

O populismo se tornou um termo controverso que designa posições políticas diferentes, como sendo uma mesma matriz histórica.

Embora o fascismo e o populismo estejam no centro do debate político, e sejam muitas vezes confundidas, na realidade elas representam trajetórias políticas e históricas alternativas. Ao mesmo tempo, o fascismo e o populismo estão ligados genealogicamente. Eles pertencem à mesma história. O populismo nasceu do fascismo. (FINCHELSTEIN, 2019, p. 15)

O fascismo clássico foi uma terrível experiência traumática na civilização ocidental no século XX. A Itália de Mussolini e a Alemanha abduzida pelo nacional-socialismo do Partido Nazista se transformaram em experimentos icônicos do terror do Estado. Todavia, o seu legado não foi interrompido. Daí a importância dos trabalhos de Adorno (1943/2009; 1950/2019; 1951/2015) como referências basilares de comparação do complexo tear que envolve as engrenagens do fascismo.

Na esteira do extremismo político, segundo aponta Finchelson (2019, p. 15), “[...]”



o populismo foi uma consequência do impacto civilizacional do fascismo”. A personalidade autoritária, descrita por Adorno (1950/2019) perpassa os campos do autoritarismo, independente de raiz, seja ela de direita, seja ela de esquerda. Para os propósitos desta pesquisa, o extremismo de direita está em análise.

Na ausência de horizontes mais clarividentes em uma sociedade de massa, poderá conduzir a desejos e delírios tentadores de “soluções mágicas” que impulsionam os vendilhões de panaceias e alimentam o espírito sádico dos que sabem destilar a perversão como roteiro político. Há certa “ingenuidade” das massas e também esperança não-racionalizada de salvação indolor. Não é a toa, como apontou Stanley (2009), a força do anti-intelectualismo, ou seja, um dos elementos basilares dos novos movimentos de extremistas de direita.

Todavia, aqui, o sentido de sociedade de massa é designado de forma mais genérica à agrupamentos sociais que desejam uma “ordem na sociedade”. A retórica do discurso fascista e populista, assim como os estratagemas envolvidos nas estratégias de cooptação das massas, são elementos calculados para terem grande impacto na captura de subjetividades dos “sujeitos unicelulares” que compõem as massas: “O fascismo propôs uma ordem totalitária violenta que conduziu às formas extremas de violência política e genocídio. [...] o populismo foi uma consequência do impacto civilizacional do fascismo” (FINCHELSTEIN, 2019, p. 15).

De fato, o populismo não é um ponto pacífico no que tange à sua análise teórica. Rancière (2014) faz um alerta a respeito da abrangência do termo “populismo” e o risco de se colocar as lideranças e grupos numa mesma cesta sob a alegação de serem elementos da mesma natureza:

Com esse termo [populismo], tenta-se classificar todas as formas de secessão em relação ao consenso dominante, quer se refiram à afirmação democrática, quer aos fanatismos raciais ou religiosos. [...] Populismo é o nome cômodo com que se dissimula a contradição entre legitimidade popular e científica, dificuldade de governo da ciência para aceitar as manifestações da democracia e mesmo a forma mista do sistema representativo. (RANCIÈRE, 2014, p. 101-102)

Tormey (2019, p. 31) oferece uma descrição do “estilo de política” praticado pelos líderes populistas: a) Acirramento do antagonismo de classe entre o “povo” (uma massa amorfa de “cidadãos de bem”) e as “elites” (caracterizada genericamente como um “grande mal”); b) Construção da narrativa da crise e da busca de superação do “*establishment* político”; c) Oferecimento de uma visão redentora ou panaceica que se



sobrepõe à política; d) Centralização de uma figura carismática que afirma possuir poderes excepcionais de liderança; e) Utilização de uma linguagem direta.

No jogo político, o populismo aposta sempre “no pior” para que suas lideranças convençam “democraticamente o povo” da necessidade de mudanças radicais: “Políticos populistas compreendem que seu jogo só ganhará força se as pessoas acreditarem que existe uma crise que requer uma mudança radical de curso, uma nova política e uma nova liderança” (TORMEY, 2019, p. 38).

O populismo fala em democracia, no entanto, ela é para este movimento o desejo manifesto dos líderes populistas (FINCHELSTEIN, 2019). A unidade do “povo” é como uma massa amorfa que poderá ser substituída pelo “altruísmo” do líder carismático populista. Ao não negar a democracia, as lideranças populistas, simplesmente buscam transmutar a “vontade do povo” no desejo do líder populista. De Trump a Bolsonaro, não há explicitamente em seus discursos um “ódio à democracia”, mas um desejo que a vontade que tais lideranças populistas sejam a “própria democracia”, sem aparentemente destruir a representação democrática. A este suposto paradoxo, Finchelstein (2019, p. 26) esclarece: “[...] o populismo é capaz de enfraquecer ainda mais a democracia sem a destruir e, se e quando elimina a democracia, deixa de ser populismo e torna-se outra coisa: a ditadura”.

Apesar da fragilidade da democracia, com a apreensão do populismo, tal modelo político ainda não se caracteriza como sendo um regime fascista. Como esclarece Tormey (2019), o populismo não se constitui em uma ideologia tal como se pudesse constituir um sistema de crenças ou de visão de mundo. Neste sentido, Finchelstein (2019, p. 27) esclarece que, no seu entendimento, “[...] o populismo é uma forma de democracia autoritária, enquanto o fascismo é uma ditadura ultraviolenta. Os termos estão ligados genealogicamente, mas não conceitual ou contextualmente. Devidamente historicizado, o populismo não é o fascismo”.

Desta maneira, o populismo se assume como um legado de um “fascismo moderno”, sem recusar a democracia e sem apelar explicitamente para a “ultraviolência”. Neste caso, as lideranças populistas se esmerilham na personalidade autoritária como uma de suas características mais proeminentes, conforme visto na primeira parte deste trabalho, na constituição dos elementos fascistas trabalhada por Adorno (1950/2019).

Autores como Finchelstein (2019) e Gentile; De Felice (1988) tendem a situar o fenômeno do fascismo ligado a um momento histórico particular, sem possibilidades de



sua reprodutibilidade em tempos atuais. A apropriação do Estado pelo fascismo foi feita de forma particular e, violentamente única, como na Itália de Mussolini e Alemanha de Hitler. A questão da cooptação sedutora das massas foi elemento central da orquestração política fascista sem a qual era impossível a tomada do poder:

A massa era, para o fascismo, um material humano que pode ser plasmado através da sugestão do *mito* e da força coesiva de *organização*: estes foram, para o fascismo, os instrumentos fundamentais para nacionalizar as classes – sem aboli-las – e para integrá-la em uma nova ordem. (GENTILE; DE FELICE, 1988, p. 31)

Há uma falsa tentativa de descolamento do fenômeno fascista das estruturas capitalistas por parte de alguns analistas liberais. A política de guerra alemã do “milagre econômico”, produzido no período pré-guerra durante o Terceiro Reich, somente pode ser explicado pela confluência de amplos fatores: o político (o nacional-socialismo) e o econômico (o capitalismo), conforme descreve Adorno (1967/2020) em suas observações analíticas da macroeconomia nazista:

A técnica mais importante pela qual a verdade é colocada a serviço da inverdade é a de retirar observações verdadeiras ou corretas de seu contexto, isolá-las, como por exemplo, quando dizem: “Antes de ele ter feito aquela guerra idiota, com o Hitler estava bastante bom para a gente”, sem que se veja que toda essa conjuntura entre 1933 e 1939 só foi possível por meio de frenética economia de guerra, de preparação para a guerra. (ADORNO, 1967/2020, p. 65)

Tormey (2019) sustenta que populismo não é antidemocrático. Tal afirmação é plausível se considerar o fenômeno do populismo como um movimento amorfo e de amplo espectro político, da esquerda à direita. Todavia, esta maior amplitude cai em erros metodológicos, o que inclui qualquer liderança ou movimento com bases democráticas enraizadas na sociedade que se coloca dentro do conceito de “populismo”. Aqui segue-se a análise da política de extrema direita populista, a qual se nutre do estratagema fascista e suas lideranças desenvolvem uma personalidade autoritária, tanto em retóricas discursivas, quanto metodológicas, de propaganda de suas concepções políticas.

A crise da democracia imposta pela profunda maneira do capitalismo destruir parâmetros mínimos de sociabilidade, recai na percepção genérica e lastreada no senso comum de que a política (e não os capitalistas) fazem considerável mal à sociedade. Neste horizonte de descrença, a democracia cada vez mais perde apoio popular e parcela da população acredita em soluções mágicas e imediatistas. Neste campo minado, surgem os populistas de extrema direita e suas profecias apocalípticas e, embutidas nelas, suas



soluções panaceicas autoritárias:

O que vemos é que os cidadãos estão cada vez mais desiludidos da classe política e estão se “desconectado” dela. As diferenças entre os partidos tradicionais, que já pareceram tão importantes, estão se tornando secundárias à medida que vamos detectando mais semelhança entre eles. (TORMEY, 2019, p. 193)

Insistindo no caráter “democrático” do populismo, Tormey (2019) ressalta sobre a necessidade de se manter “plural” o caráter da democracia. Segundo a sua lógica, Tormey (2019) destaca que um problema crucial do populismo é que vê o povo como entidade homogênea e essas massas se oporiam às “elites”. Todavia, parece pouco plausível que grupos de extrema direita, com suas retóricas pouco democráticas, tenham algum apreço pela democracia. Tanto Mussolini, quanto Hitler, ascenderam ao poder em seus respectivos países por vias democráticas e dentro das regras legais de seus períodos históricos. Assim como o fascismo no seu “ódio à democracia” e culto à violência, os populistas abrem mão da sistemática violência física fascista, mas operam em outros horizontes da violência e com o mesmo desprezo pela democracia.

Acertadamente, Tormey (2019) não credita como “causa” da crise da democracia, a ascensão do populismo de extrema direita:

O populismo não é uma causa da crise atual; é um efeito dela. Surge quando a “política normal”, a política familiar caracterizada por um movimento pendular entre centro-direita, entra em pane e os cidadãos começam a procurar fora da ordem tradicional soluções para as questões que lhes dizem respeito. (TORMEY, 2019, p. 201)

O primeiro fascista, Mussolini, ofereceu o roteiro para destruir a democracia e se instalar no poder. Mussolini e seus fascistas operavam em duas frentes estratégicas. A primeira é o apelo à violência política extrema contra o que o grupo considerava inimigo (socialistas, comunistas e trabalhadores). A segunda é a obediência às regras políticas da democracia parlamentar italiana. Em 1922, Mussolini alcançou o posto de primeiro-ministro da Itália após sua teatral “Marcha sobre Roma” (PARIS, 1972/1993; BLINKHORN, 1984), em meio a uma crise sociopolítica extrema e, em 1925, ele se autodeclara um ditador da Itália. Mussolini, de um agitador fascista, típico de um Martin Luther Thomas descrito por Adorno (1943/2009), galgou entre da decadência democrática parlamentar italiana, o mais alto posto político.

A ascensão de Mussolini e Hitler foi uma “revolução fascista” ou uma contrarrevolução conservadora? Sem, no entanto, utilizar meios extremados como a Revolução Russa, de 1917, de orientação e motivação comunista, ambas as lideranças de



extrema direita conseguiram sufocar e decapitar a democracia fragilizada que resistia em seus países e instaurar, em ambos os casos, um modelo ditatorial dos mais trágicos da História, o “Estado Total”, conforme preconizava Carl Schmitt:

O Estado Total vai substituir o Estado Neutro do século XIX, trazendo uma série de novos desafios com a transformação de todos os problemas econômicos e sociais em questões potencialmente políticas. Para Schmitt, o Estado Total promoveu a politização (*Politisierung*) de tudo o que fosse econômico, social e religioso. (BERCOVICI, 2003, p. 77)

Mussolini sempre desprezou a democracia italiana, mas mesmo assim, seguiu suas regras até a sua ascensão dentro do “*establishment* político” que ele tanto, exaustivamente, criticou e fez de tudo para destruir. Na Alemanha onde vigorava a cambaleante República de Weimar, usando estratégias similares aos de Mussolini, Hitler ascendeu ao poder nos escombros da crise econômica de 1929. Iniciado com a bancarrota de Wall Street, nos Estados Unidos, o pânico causado com a “quebra da bolsa” se estendeu por todo o mundo, ocasionando terríveis problemas econômicos e sociais e, diante do rastro de destruição, marcou decisivamente a ascensão e o fortalecimento de discursos autoritários da extrema direita em diversos países do mundo.

A partir de dados estatísticos de Klein (1995, p. 95-97), um fato exemplar deste período de escombros da crise de 1929 foi a ascensão eleitoral meteórica do Partido Nazista na Alemanha. O partido de Adolf Hitler passou de 12 cadeiras das 440 possíveis do *Reichstag*, o parlamento alemão, nas eleições de 1928, para 107 cadeiras das 510 possíveis nas eleições de 1930, consolidando a hegemonia do principal partido político na moribunda República de Weimar. Consolidando-se uma supremacia eleitoral, rivalizando apenas com os socialistas do Partido Social-Democrata da Alemanha (em alemão, *Sozialdemokratische Partei Deutschlands*, SPD), o Partido Nazista disparou em sua conquista triunfante ao poder: 230 cadeiras das 598 possíveis nas eleições de julho de 1932 e 196 cadeiras das 580 possíveis nas eleições de novembro de 1932. Sintomaticamente, como prenúncio do que se avizinhava, foi um ano que marcou duas eleições parlamentares devido à instável governabilidade política de Weimar. Na última eleição direta na República de Weimar antes da hegemonia de Adolf Hitler, em 1933, o Partido Nazista conquistou 288 cadeiras das 640 possíveis nas eleições parlamentares, ou seja, 43,9% do percentual de votos e 45% das cadeiras do parlamento.

Assim com os movimentos fascistas dos anos 1920 e 1930, os movimentos populistas que vieram suceder a lacuna política, por si mesmos, não podem ser



responsabilizados pela derrocada da democracia. Todavia, tais grupos de diferentes matizes, mas com o núcleo muito próximo de ideologias fascistas, buscaram ascender ao poder, justamente, se aproveitando das brechas da fragilidade da democracia sob ataque do poder econômico e do descontentamento social.

A Itália que sobreviveu à Primeira Guerra Mundial tinha problemas crônicos na sua economia, desemprego em alta, greve de trabalhadores, orgulho ferido de não ser contemplado conforme Tratado de Versalhes e, adicionado a estes problemas, havia o fantasma da Revolução Russa que atormentava os capitalistas italianos. Os movimentos fascistas do entreguerras não foram produzidos, necessariamente, por esses capitalistas interessados em controlar as massas, mas sem o apoio deles, dificilmente, algum movimento de extrema direita iria tão longe. O fascismo nasceu na esteira das sociedades de massas e derivou do autoritarismo presente desde a constituição dos Estados-nação, ou seja, os Estados Modernos. Conforme ressalta :Gentile e De Felice (1988, p. 11): “[...] o fascismo, nascido na guerra, insere-se no fenômeno de ‘transformação da política’ que acompanhou, tanto na Itália como no resto da Europa, a crise de transição da sociedade tradicional à moderna sociedade de massa”. Conforme registrou Paris (1972/1993, p. 26), a respeito da transformação política, econômica, cultural e ideológica dos novos ares do século XX: “Fascismo, nacionalismo e futurismo foram igualmente produtos de épocas contemporâneas, da sociedade industrial e, mais precisamente, do grande capital”.

O nacionalismo foi a grande ideologia revolucionária do século XIX, nascente com os Estados Modernos, o liberalismo e os conflitos de identidades nacionais. O próprio nacionalismo ajudou a unificar os reinos italianos e a consolidar-se em um Estado Moderno. Todavia, houve sempre um conflito de interesses e concepções entre a formação de Estados-nação e o nacionalismo, pois parece pouco plausível que, segundo o otimismo de Tormey (2019) suscita, o populismo ajudaria a consolidar a democracia. Em todas as experiências com fascistas e, posteriormente, populistas de extrema direita na política, a democracia sempre foi o alvo de impiedosos ataques.

Mussolini abriu a caixa de Pandora dos meandros legais da destruição da democracia, e seus ensinamentos são cultivados até hoje por diversos grupos populistas ou aqueles, abertamente, fascistas (os chamados neonazistas que se constituem mais como seitas proto-religiosas, do que como agremiações políticas). Como esclareceu Eric Hobsbawn: “Havia uma diferença fundamental entre o movimento para fundar Estados-nações e o ‘nacionalismo’. O primeiro era um programa para construir um artifício



político que se dizia baseia-se no segundo” (HABSBAWN, 1997, p. 133).

Este conflito de interesses se dilui no discurso fascista que busca transformar o “povo”, ou seja, a sociedade de massa, em um corpo único, patriótico e nacionalista. O discurso autoritário para uma espécie de bem comum nacionalista que aquebranta qualquer tentativa de distinção de classes sociais em um bloco monolítico, foi estratosférico para criar os “inimigos do povo”, ou seja, “elementos externos” ao “corpo unificado”: “Eles contra nós”, a dicotomia fascista ressaltada por Stanley (2019).

O populismo, assim como o fascismo, propõe soluções simplistas para problemas complexos. Daí o apelo às retóricas subjetivas que invocam entes abstratos como pátria, coragem, força, vontade, mudança. Um exemplo da utopia fascista de conceitos esvaziados e panfletários se encontra no discurso proferido por Mussolini, em Udine, em 20 de setembro de 1922, às vésperas da Marcha sobre Roma: “[...] O nosso programa é simples: queremos governar a Itália. Dizem-nos “Programa?”. Mas programas há até demais. Não são os programas que faltam à Itália. São os homens e a vontade!” (MUSSOLINI apud BARTOLOTTI, 1975, p. 41).

O jogo político da *Realpolitik* requer praticidade e pragmatismo para além da invocação de elementos subjetivos. Ao observar os discursos de Mussolini e de Hitler, sobram palavras de ordem e faltam elementos mínimos de coerência e realidade. Em momentos de crise econômica, desemprego e alto descontentamento popular, um discurso nacional perde força para retóricas carregadas de ódio, voracidade e pavimentadas por lugares-comuns que visam muito mais confundir o espectador do que esclarecê-lo sobre alguma coisa. Neste aspecto particular, a política do negacionismo vai além de ser uma abstração enfadonha da ignorância, mas uma técnica orquestrada para capturar a atenção do público e incitá-lo a não refletir sobre qualquer coisa de forma mais racional.

A ignorância se transforma em uma arma política e não apenas em discursos vazios. O anti-intelectualismo é um elemento intrínseco do estratagema fascista e populista da extrema direita, cujo ataque à educação e à cultura se forja como ações de “proteção do povo”. Sintomaticamente, é evocado o apelo à “defesa da família”, como se a educação e a cultura fossem realmente uma ameaça a ela. De fato, o que ameaça os estratagemas fascistas e populistas é o confronto com a realidade, conforme analisou Stanley (2019, p. 66): “A política fascista troca a realidade pelos pronunciamentos de um único indivíduo, ou talvez de um partido político. Mentiras óbvias e repetidas inúmeras vezes fazem parte do processo pelo qual a política fascista destrói o espaço de



informação”.

IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS: NEGACIONISMO, A ARMA FASCISTA NAS MÃOS DOS POPULISTAS

Diante do quadro político após a eleição de Donald Trump, em 2016, Levitsky e Ziblatt (2018, p. 13) iniciaram seu livro “Como as democracias morrem” com uma pergunta paradigmática: “A democracia norte-americana está em perigo?”. A questão emblemática é que a maior potência bélica do planeta assistiu a abalos na sua arquitetura democrática de forma histórica. A ascensão de Trump teve um componente extremamente perigoso para as democracias ocidentais: a escalada do populismo da extrema direita.

Nesta esteira de concepções de mundo que invocava valores dos nacionalismos belicosos, há a exortação de uma ordem fascista cujas origens remontam a Benito Mussolini, na Itália dos anos 1920 a 1940 e à escalada do Partido Nazista, no mesmo período histórico, na Alemanha. Na proporção que adentraram na efetividade do poder, criaram um modelo de concepção de mundo cuja base é a “política do ódio”, a negação da razão e dos valores humanitários. Apesar da queda dos regimes nazifascistas após a Segunda Guerra Mundial, seus valores ideológicos nunca saíram da cena política por completo, seja explícita ou, implicitamente.

Até que no início do século XXI, com a crise do capitalismo que pairava sobre as economias globais e com as novas redefinições do modelo agressivo de acumulação de capital, as crises econômicas desdobram-se em crises políticas e questionamentos das estruturas de poder. Os escombros dos discursos fascistas foram resgatados com uma roupagem mais “modernizante”, capitaneada por políticos populistas, os quais impulsionaram discursos agressivos contra “alvos preferenciais”, ou seja, sobre minorias culturais e velhos espectros políticos, o “fantasma do comunismo”. As técnicas dos agitadores fascistas descritos por Adorno (1950/2019) reaparecem com estilo similar e às mesmas vítimas em potencial. Stanley (2019) ressalta dez aspectos dos elementos do que se chamaria “neofascismo”. Entre eles, destaca-se o “anti-intelectualismo” e a “irrealidade” como pilares deste arcabouço da fundamentação estrutural do pensamento autoritário de matriz fascista.

Chegamos ao ponto em que convergem o passado e o presente no caos político que vem se avolumando nas democracias, em particular, as ocidentais: a súbita pandemia do novo coronavírus que causou a maior crise sanitária do planeta em tempos recentes. A



pandemia do novo coronavírus desmascarou e aprofundou as desigualdades sociais entre ricos e pobres nos países afetados pelo nível de contaminação viral, além de consequências diversas, como a recessão econômica gerada pela limitação da circulação de bens e serviços, produzindo desemprego em massa, insatisfação social, incerteza sobre o futuro e o medo de uma doença de veloz transmissão, a qual a história natural do vírus ainda não foi totalmente desvendada pela Ciência.

Grandes contingentes populacionais confinados, em isolamento social, e o elevado nível de contaminação e mortes coadunaram em um cenário de medo, fantasia e agressividade. Com as restrições da circulação para grande parte dos segmentos da vida social, os grupos de extrema direita iniciaram uma intensa campanha nas redes sociais, disparando uma série de “fake news”, praticando o negacionismo da doença.

Este é um dos pontos fulcrais na batalha travada pelas políticas sanitárias para a contenção da contaminação viral, além do descaso aliado ao descrédito de parte considerável da população, a qual desrespeitou tais medidas e, conseqüentemente, ampliou o número de contaminados. O negacionismo é um dos elementos pertencente aos estratégias fascistas, conforme mostrou Adorno (1943/2009; 1950/2019), Paxton (2007) e Stanley (2019) e consiste em negar a realidade vigente e impor uma “verdade ficcional” que implica em uma explicação “panaceica” dos fatos. Para estes grupos da extrema direita, o ativismo desenvolvido foi negar a doença, no caso, a COVID-19, negar as medidas protetivas sociais e individuais, entre elas, o distanciamento social, o uso de máscaras, de álcool em gel e da lavagem para mãos e, o mais paradoxal dos casos, o negacionismo da vacina contra a COVID-19 para ser aplicada na população! Em muitos lugares, nos Estados Unidos, Brasil e alguns países europeus, notadamente, na Itália e Alemanha, houve mobilizações públicas de grupos da extrema direita, criticando o isolamento social (os chamados “lockdown’s”, ou seja, o fechamento parcial ou completo das atividades socioeconômicas) e as medidas protetivas contra a contaminação viral (G1, 2020; IG ÚLTIMO SEGUNDO, 2020; MÜLLER, 2020; PODER 360, 2020; TAJRA; ANDRADE, 2020).

Lideranças políticas populistas como Trump, nos Estados Unidos, e Jair Bolsonaro, no Brasil, fomentaram ainda mais o radicalismo destes grupos e praticaram uma política de negação ou minimização dos efeitos concretos da pandemia. Tanto Trump, quanto Bolsonaro propagandearam sistematicamente “soluções mágicas” para desconstruir a pandemia, inclusive com a massiva divulgação da cloroquina e a sua



variante, a hidroxicloroquina, cujo desenvolvimento inicial foi para atuar no tratamento contra a malária (FIUNE et al, 2020; PUTTI, 2020; SANCHES, 2020; SOARES, 2020).

O fato é que, na fase inicial da pandemia, a cloroquina foi usada de forma experimental, mas ambos os presidentes utilizam-se de seus postos para fazer companhia que induzisse a população a utilizar a hidroxicloroquina, mesmo contrariando as ordens médicas e da Organização Mundial da Saúde (OMS) (CNN BRASIL, 2021). Inúmeros estudos posteriores atestaram a ineficácia da cloroquina para o tratamento da COVID-19, mas os presidentes, Trump e Bolsonaro, ainda seguiram fazendo suas “campanhas miraculosas”, a despeito de todas as pesquisas científicas e recomendações dos próprios órgãos de saúde dos seus respectivos governos.

A política de comprometer a vacinação em massa praticada pelo governo Bolsonaro é o exemplo cabal de um governo que apostou na ideia condenável da “imunidade de rebanho” e na farsa do “tratamento precoce” à base de hidroxicloroquina que tanto foi condenado por médicos, especialista em saúde e a própria Organização Mundial da Saúde (OMS). Negando a realidade pandêmica dos fatos, a política de falseamento de informações do governo Bolsonaro tinha como justificativa, velada ou explicitamente, o suposto não comprometimento da economia e, naturalmente, os lucros dos capitalistas. O resultado foi o maior genocídio de história do país!

O que estava oculto na estratégia de ambos os presidentes era, em meio a pandemia, forçar os governos locais a flexibilizarem as medidas restritivas de contenção viral, para retomar a economia a qualquer custo e individualizar as responsabilidades pela contaminação pelo vírus. Sintomaticamente, os dois países são lideranças mundiais em números de contaminados e mortos decorrentes da pandemia. No caso brasileiro, a pandemia está longe de ser controlada diante da catástrofe das medidas governamentais desconexas para limitar a contaminação do vírus (JANSEN, 2020).

Os elementos reais e imaginários se fundem nos estratagemas fascistas que se colocam como pretensamente revolucionários, mas não passam de retóricas fascistas que pregam uma política do ódio, tal como Stanley (2019) menciona a este respeito, a política do “nós” e “eles”. Não foi mera coincidência que Donald Trump recuperou o slogan dos primeiros movimentos pró-fascistas estadunidenses, entre as décadas de 1920 e 1930. Trump ressuscitou o “American First”, o qual marcou uma das iniciais medidas políticas anti-imigração adotadas nos primeiros dias assentado na presidência. Todavia, a estratégia negacionista de Trump se esgotou, não se reelegendo e, ainda, tentando mobilizar um



levante contra a democracia dos Estados Unidos, diante do teatro de invasão ao Congresso dos Estados Unidos. O desespero populista foi em vão e, então, o eleito, o democrata, Joe Biden, tomou posse da presidência, o que colapsou, ao menos momentaneamente, a constituição de uma hegemonia do populismo nos Estados Unidos, com reflexos no mundo (G1, 2021).

Adentrando ao debate sobre o legado do fascismo cuja herança é o populismo no século XXI, a metamorfose política da extrema direita não encontra parâmetro para atuar contra a democracia em prol dos seus propósitos de ascensão ao poder. Apoiando-se em Adorno (1943/2009; 1950/2019; 1951/2015), Paxton (2007), Stanley (2019) e ainda na elaboração da psicologia de grupo e o inconsciente coletivo em Freud (1921/2013) e Hoffer (1951/1968) é possível inferir a utilização dos elementos fascistas como fenômenos derivados das sociedades de massas, consolidada por um aparelhamento típico da indústria cultural, empregando simbolismos e retóricas distorcidas sobre a realidade.

Com tais elementos de transição do capitalismo e dos alicerces porosos das democracias solapadas pela crise de legitimidade representativa em muitos países, o campo se torna fértil para os grupos e partidos de extrema direita ocuparem o vácuo político, a produção de “fake news”, a dispersão do negacionismo e o discurso social sob a égide da “política do ódio”. Neste caldo de cultura extremista, é necessário aprofundar as pesquisas de percepção da realidade democrática contemporânea ainda em uma contínua observação da conjuntura política e análise de suas implicações políticas, sociais e históricas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor W. (1943). La técnica psicológica de las aluciones radiofónicas de Martin Luther Thomas. In: **Escritos sociológicos II**, v. 1. Madrid: Akal, 2009.

ADORNO, Theodor W. (1950). **Estudos sobre a personalidade autoritária**. São Paulo; Editora Unesp, 2019.

ADORNO, Theodor W. (1951). Teoria freudiana e o padrão de propaganda fascista. In: **Ensaio sobre a psicologia social e psicanálise**. São Paulo; Editora Unesp, 2015.

BARTOLOTTI, Mirella (org.). **O fascismo: origens e análise crítica**. Lisboa: Edições 70, 1969.

BERCOVICI, Gilberto. **Entre o Estado Total e o Estado Social: atualidade do debate sobre direito, Estado e economia na República de Weimar**. Tese de Livre-Docência apresentada no Departamento de Direito Econômico e Financeiro – Área de Direito Econômico da Faculdade de Direito de Universidade de São Paulo. Disponível na web: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/livredocencia/2/tde-22092009->



[150501/publico/Gilberto_Bercovici_TeseLD.pdf](#) [10/06/2021]

BLINKHORN, Martin. **Mussolini e a Itália fascista**. Lisboa: Gradiva, 1984.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de Política**, v. 1. Brasília: Editora UNB; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

CARONE, Iray. Fascismo *on the air*: estudos frankfurtianos sobre o agitador fascista. **Lua Nova**, n. 55-56, p. 195-217, 2002.

CNN BRASIL. OMS, Europa e Anvisa não recomendam cloroquina para tratar a Covid-19. São Paulo, 25/05/2021. Disponível na web: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/2021/05/25/entenda-as-recomendacoes-das-instituicoes-de-saude-contr-o-uso-de-cloroquina> [26/05/2021].

FARINA, Mario. **Adorno: Teoria crítica e pensamento negativo**. São Paulo: Salvat, 2017.

FERREIRA DA COSTA, Virginia Helena. Apresentação à edição brasileira. In: ADORNO, Theodor W. (1950). **Estudos sobre a personalidade autoritária**. São Paulo; Editora Unesp, 2015.

FINCHELSTEIN, Federico. **Do fascismo ao populismo na história**. São Paulo: Almedina, 2019.

FIUNE, Giulia et al. Era uma vez no país da cloroquina. *Pública*: Agência de jornalismo investigativo, 13 out. 2020. Disponível na web: <https://apublica.org/2020/10/era-uma-vez-no-pais-da-cloroquina/> [15/10/2020].

FREUD, Sigmund (1921). **Psicologia das massas e análise do eu**. Porto Alegre: L&PM, 2013.

FREUD, Sigmund. Totem e tabu (1912-13). In: **Totem e tabu e outros trabalhos (1913-1914)**. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

G1. Manifestantes protestam na Europa contra novas medidas de isolamento. **Portal G1**, Rio de Janeiro, 24/10/2020.

<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/10/24/manifestantes-protestam-na-europa-contr-novas-medidas-de-isolamento.ghtml> [25/10/2020].

G1. Casa Branca condena invasão ao Capitólio em Washington e promete transição de poder 'ordeira'. **Portal G1**. Rio de Janeiro, 07/01/2021.

<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/01/07/casa-branca-condena-invasao-ao-capitolio-em-washington-e-promete-transicao-de-poder-ordeira.ghtml> [08/01/2021].

GENTILE, Emilio; DE FELICE. **A Itália de Mussolini e a origem do fascismo**. São Paulo: Ícone, 1988.

HOFFER, ERIC (1951). **O fanatismo e movimento de massa**. Rio de Janeiro: Lidador, 1968.

IG ÚLTIMO SEGUNDO. Mais de 10 mil pessoas protestam em Berlim contra isolamento. **Portal IG**, 01/08/2020.

<https://ultimosegundo.ig.com.br/mundo/2020-08-01/mais-de-10-mil-pessoas-protestam-em-berlim-contr-isolamento.html> [02/08/2020].



JANSEN, Roberta. Brasil ainda está longe de superar 1ª onda da covid-19, dizem analistas. **O Estado de S. Paulo**. São Paulo, 30/10/2020. Disponível em:

<https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/estado/2020/10/30/brasil-ainda-esta-longe-de-superar-1-onda-da-covid-19-dizem-analistas.htm> Acesso em: 30 out. 2020.

JASPER, Karl (1946). **A questão da culpa: a Alemanha e o nazismo**. São Paulo: Todavia, 2018.

KLEIN, Claude. **Weimar**. São Paulo: Perspectiva, 1995.

LEVISTKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. **Como as democracias morrem**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

MÜLLER, Enrique. Neonazistas, conspiracionistas e antivacinas marcham na Alemanha pelo fim do isolamento social. **El País**. Berlim, 01/08/2020. Disponível na web:

<<https://brasil.elpais.com/internacional/2020-08-01/neonazistas-conspiracionistas-e-antivacinas-marcham-na-alemanha-pelo-fim-do-isolamento-social.html>> [02/08/2020].

PARIS, Robert. **As origens do fascismo**. São Paulo: Perspectiva, 1993.

PAXTON, Robert Owen. **A anatomia do fascismo**. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

PODER 360. Grupos de direita no mundo organizam protestos contra o isolamento. 16/04/2020. Disponível na web: <<https://www.poder360.com.br/internacional/grupos-de-direita-no-mundo-organizam-protestos-contr-o-isolamento/>> [17/04/2020].

PUTTI, Alexandre. Nas redes sociais, Bolsonaro já é visto como “garoto propaganda da cloroquina”. **Revista Carta Capital**. São Paulo, 08 jul. 2020. Disponível em web: <<https://www.cartacapital.com.br/politica/nas-redes-sociais-bolsonaro-e-visto-como-garoto-propaganda-da-cloroquina/>> [09/07/2020].

RANCIÈRE, Jacques. **O ódio à democracia**. São Paulo: Boitempo, 2014.

SANCHES, Marina. Lançada por Trump e propagandeada por Bolsonaro, hidroxiclороquina está vetada em hospitais nos EUA. **BBC Brasil**. Washington, 07/07/2020. Disponível em web: <<https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/bbc/2020/07/10/lancada-por-trump-e-propagandeada-por-bolsonaro-hidroxiclороquina-esta-vetada-em-hospitais-nos-estados-unidos.htm>> [08/07/2020].

SOARES, Jussara; VALFRÉ, Vinícius. Bolsonaro vira "garoto-propaganda" em outdoor de cloroquina. **Portal Terra**, 06 ago. 2020. Disponível na web: <<https://www.terra.com.br/noticias/coronavirus/bolsonaro-vira-garoto-propaganda-em-outdoor-de-cloroquina,c21943413e12ab51e6e1979e2e4c1f6c9mehdt7e.html>> [07/08/2020].

STANLEY, Jason. **Como funciona o fascismo**. Porto Alegre: L&PM, 2019.

TAJRA, Alex; ANDRADE, Hanrrikson de. Carreatas contra isolamento social têm críticas a Maia e apoio a Bolsonaro. **Universo Online (UOL)**. São Paulo; Brasília, 18/04/2020. Disponível em web: <<https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/04/18/carreatas-contr-a-isolamento-social-tem-criticas-a-maia-e-apoio-a-bolsonaro.htm>> [19/04/2020].

TORMEY, Simon. **Populismo: uma breve introdução**. São Paulo: Cultrix, 2019.

